



O PAPEL DO BIBLISTA NA FORMAÇÃO DO CATEQUISTA: DESAFIOS PARA ALÉM DA ACADEMIA

Marcelo Lessa

Bacharel em Teologia pela PUC-Rio

mslessa@gmail.com

Resumo: A proposta do *Catechesi Tradendae* nº 6 de firmar o papel do catequista como transmissor da doutrina de Cristo, requer, necessariamente, sólida formação no trato com a Sagrada Escritura. Com isso, a Bíblia se apresenta como fundamento de toda a catequese, pois é nela, juntamente com a Tradição, onde estabelecemos contato com a Boa-Nova de Jesus, Verbo de Deus. Contudo, a onda de conservadorismo que assola a sociedade brasileira e o mundo, como não poderia ser diferente, atinge também a Igreja no Brasil. Dessa forma, apesar dos muitos avanços no âmbito catequético, ainda há uma mentalidade de permanência de um modelo de catequese meramente doutrinal-escolar, racional, que vem crescendo silenciosamente e que vai esquecendo de seu papel na formação integral. As propostas do Papa Francisco, por exemplo, encontram terra fértil, mas também encontram solos pedregosos que precisam ser tratados para que a semente germine. Diante deste cenário, este artigo faz uma brevíssima análise do descompasso da dimensão bíblico-catequética em nossa realidade eclesial e coloca o exegeta como aquele que pode contribuir sobremaneira para uma formação bíblica destinada ao catequista, alinhada com a caminhada eclesial, traduzindo para uma linguagem pastoral todo o esmero do estudo realizado na academia. Assim, a transmissão da fé, tão cara ao Magistério e função primeira do catequista, ganha um salto qualitativo, firma a natureza da Igreja em anunciar Jesus Cristo a partir das Fontes da fé e colabora, com toda certeza, na formação de sujeitos eclesiais mais conscientes de sua missão na Igreja e no mundo.

Palavras-chave: Bíblia. Catequese. Exegeta. Pastoral. Formação.

Abstract: The proposal of *Catechesi Tradendae* No. 6, which affirms the role of the catechist as a transmitter of Christ's doctrine, necessarily requires solid formation in the study of Sacred Scripture. Thus, the Bible stands as the foundation of all catechesis, for it is in Scripture, together with Tradition, that we encounter the Good News of Jesus, the Word of God. However, the wave of conservatism sweeping through Brazilian society and the world—as might be expected—has also affected the Church in Brazil. Consequently, despite significant progress in catechetical work, there remains a persistent mentality favoring a merely doctrinal-scholastic, rationalistic model of catechesis, which has been quietly growing and increasingly neglecting its role in integral formation. The proposals of Pope Francis, for example, find fertile ground but also encounter rocky soil that must be tended so that the seed may sprout. Faced with this scenario, this article provides a brief analysis of the disconnect in the biblical-catechetical dimension within our ecclesial reality and presents the exegete as one who can greatly contribute to biblical formation for catechists—formation that aligns with the Church's journey, translating the rigor of academic study into pastoral language. In this way, the transmission of faith, so dear to the Magisterium and the primary task of the catechist, takes a qualitative leap forward. It reinforces the nature of the Church in proclaiming Jesus Christ from the Sources of Faith and undoubtedly fosters the formation of ecclesial individuals more aware of their mission in the Church and the world.

Keywords: Bible. Catechesis. Exegete. Pastoral. Formation.

Introdução

Quando se olha para as comunidades cristãs católicas, sejam elas reunidas em estrutura paroquial ou em comunidades de base, pode-se constatar uma realidade: todas as pessoas ali foram, em algum dado momento, tocadas por uma mensagem que trouxe a elas





uma novidade. Esta novidade não é outra coisa senão a Boa-Nova de Jesus. É o momento querigmático da evangelização, ou seja, o momento onde aqueles que nunca ouviram falar de Jesus têm o primeiro contato com aquilo que Ele quer falar através de sua Igreja. Porém, o Evangelho não é uma realidade de superfície; ele é uma Pessoa que quer se relacionar profundamente com o outro.

Acontece, então, um segundo momento da evangelização, a dimensão mistagógica desta ação eclesial, ou seja, um mergulho no Mistério que se faz a razão de ser da Igreja. Aqui a catequese se apresenta como um trabalho fundamental. Em síntese, ela é o processo de educação da fé. Mas não se trata de uma educação secular, escolar. A catequese tem a missão de garantir os valores e verdades centrais que compõem o “corpo” dessa fé, de inserir a pessoa no Mistério que ela crê e professa (Carvalho; Silva, 2021, p. 23). Obviamente, tal ação evangelizadora da Igreja é possível pelo fato estar dentro de uma sólida Tradição garantida pelo Magistério e referenciada pela Sagrada Escritura. Este tripé da fé católica é a certeza de que a fonte onde se experimenta o Mistério de Cristo é a mesma desde os primórdios da Igreja.

Dentro desta riquíssima estrutura bimilenar da Igreja Católica, a ação catequética esteve sempre presente. Embora alguns autores afirmem que a catequese como disciplina só passa a acontecer por volta do ano 1774, com o monge beneditino Rautenstrauch, é mais do que sabido que “os catequistas dos primeiros séculos são os Apóstolos e discípulos de Jesus que, por meio do anúncio do querigma e da pregação litúrgica, evangelizavam os povos, conquistando novos seguidores de Cristo” (Carvalho, 2019, p. 9-11). Estes primeiros catequistas tiveram o cuidado de deixar registrado tudo aquilo que é essencial para a transmissão da fé.

Nos anos seguintes, a Igreja se incumbiu de reunir os muitos registros, selecionar os considerados inspirados e estabelecer um cânon, com obras produzidas antes de Jesus de Nazaré e também no primeiro século de nossa era. Assim foi concebida a Bíblia como a conhecemos. Ela é, portanto, ferramenta fundamental na ação da Igreja desde seu surgimento. Não pode haver uma separação entre a Bíblia e a evangelização. Tampouco pode se diminuir o lugar da Sagrada Escritura no seio da Igreja, pois a Bíblia e o Mistério Eucarístico são complementares e dignos da mesma veneração (VD, n. 55). Sendo assim, toda a ação catequética de natureza mistagógica deve ter uma profunda intimidade com o Mistério da Paixão-Morte-Ressurreição de Jesus, o Cristo de Deus, que só nos é conhecido através da





Sagrada Escritura. Por isso, catequese e Bíblia devem estar unidas, amalgamadas, pois “a própria Bíblia é uma mediação para a sublime Revelação divina. Quanto mais experiência de vida e vivência de fé, mais a pessoa penetra a mensagem bíblica” (DNC, p. 105).

1 O conceito de catequese como missão eclesial

Para falar das percepções a respeito do movimento catequético no Brasil, é preciso, antes de mais nada, analisar se as propostas feitas a partir do Magistério da Igreja Universal — a partir dos documentos pontifícios — e da Igreja do Brasil — a partir dos documentos da CNBB —, têm encontrado resposta nas comunidades que costumo chamar insistentemente de “comunidades de base”. Fala-se aqui em “resposta” porque o termo catequese vem justamente deste campo semântico. Pois bem, esta palavra tão corriqueira em nosso meio eclesial, que cai muitas vezes no turbilhão de expressões tão comuns no uso comunitário, tem um significado muito expressivo que não deve, de maneira alguma, deixar de ser levado em consideração. A palavra “catequese” tem sua origem na língua grega, vem do verbo *κατηχέω* (*katēchéō*) que significa “fazer ressoar nos ouvidos, instruir de viva voz” (Malhadas; Dezotti; Neves, 2006, p. 55). Em última instância, catequese significa “fazer ecoar” uma mensagem. Mas, que mensagem?

Ora, catequizar não é uma “invenção” da era moderna. Desde sua origem, a Igreja ensina, catequiza. Na carta escrita aos Gálatas (Gl 6,6), Paulo fala daquele que é instruído (*κατηχούμενος* - *katēchoumenos*) e daquele que instrui (*κατηχοῦντι* - *katēchounti*). Mas, não se trata de uma instrução qualquer; ela acontece “na” Palavra (*λόγον* - *lógon*). E essa Palavra (*λόγος* - *lógos*) não é outra senão a Boa-Nova do próprio Cristo, Palavra por excelência, que João descreve com maestria no prólogo de seu Evangelho. A “novidade” que Jesus traz ao mundo só chega até nós porque, aquilo que era tradição oral foi registrado por escrito e a Tradição da Igreja a preservou, selecionou e classificou como Sagrada Escritura. Essa mesma Tradição garantiu que tal Palavra perpassasse os séculos e chegasse até nós. Por isso, a Igreja considera a Sagrada Escritura, juntamente com a Tradição, regra suprema de sua fé, onde se ouve, imutavelmente, a Palavra de Deus (DV, n.21). Dito isso, a Bíblia deve estar no centro e na base de toda ação catequética, porque é a Palavra de Deus que deve se “fazer ressoar nos ouvidos”.

Essa preocupação de fazer com que a catequese transmita e ensine a Palavra de Deus que se torna plena em Jesus, já era demonstrada pelo papa João Paulo II na Exortação





Apostólica *Catechesi Tradendae* onde escreveu: “todos os catequistas deveriam poder aplicar a si próprios a misteriosa Palavra de Jesus... ‘eu aprendi do Senhor isto, que por minha vez vos transmiti’ (1Cor 11,23)” (CT, n. 6). Portanto, a Igreja Universal já enfatizava a centralidade da Bíblia em sua ação catequética desde a década de 1970. Também a Igreja do Brasil, alinhada ao Magistério Pontifício, demonstra igual apreço à Sagrada Escritura na catequese. A CNBB reconhece que a fé cultivada pelo povo considera a Bíblia como Palavra de Deus, povo esse que liga rapidamente a Bíblia com o cotidiano, ou seja, se reconhece nas palavras da Sagrada Escritura (CR, n. 290-291). Portanto, desde a década de 1980, a Igreja no Brasil vem intensificando o uso da Bíblia como alicerce da catequese praticada nas comunidades. Porém, há um problema recente que preocupa aqueles que são entusiastas de uma “catequese bíblica” com os pés bem fincados nas diversas realidades.

2 Bíblia e catequese: uma união indissolúvel

É fácil perceber o quanto a Bíblia ocupa um lugar afetoso no meio do povo das comunidades eclesiais. Os Círculos Bíblicos, por exemplo, tão viçoso em épocas não muito distantes, ainda são espaços onde as pessoas criam laços estreitos com a Sagrada Escritura. Nessas experiências, cada um consegue perceber que as histórias contadas na Bíblia estão intimamente ligadas a muitas de suas histórias pessoais. Não obstante o enfraquecimento sistemático das CEBs, a leitura encarnada do texto bíblico insiste, persiste e resiste nas camadas mais populares da sociedade que acabam constituindo, preferencialmente, as comunidades periféricas. Contudo, a leitura popular, se não assistida por um facilitador que tenha boa formação e domínio acerca da Sagrada Escritura, levar à tentação de atribuir aos textos aquilo que eles não querem transmitir. Por esta razão, o Diretório Nacional de Catequese alerta para o valor de cada texto contido na Bíblia:

Todos os textos da Bíblia têm um valor próprio e especial e por isso foram conservados ao longo de tanto tempo, e a Tradição os considerou inspirados. É necessário descobrir esses valores presentes nos textos e deixar que eles iluminem nossa vida. O texto requer sempre uma atenção especial. Às vezes, é tal a ânsia de se servir dele para expor as próprias ideias, que não se presta atenção ao que ele tem a dizer. Requer empenho para que pequenas dificuldades com o texto não distraiam da mensagem fundamental que a Bíblia traz: o mistério da vida, da história, do Deus sempre imprevisível. Esse critério ajudará na leitura da Bíblia a superar os riscos de uma leitura fundamentalista, isto é, a impossibilidade de perceber as riquezas incontáveis da Palavra de Deus (DNC, n. 109).





Sendo a catequese a ação específica da Igreja que tem a tarefa de aprofundar a mensagem querigmática inicial, nada mais adequado do que oferecer ao neoconvertido um mergulho sistemático na Boa-Nova de Jesus. Esta, certamente, é a missão do catequista. A dimensão mistagógica da mensagem que a Igreja transmite se mostra como papel inerente à catequese. E uma catequese mistagógica não é um desejo apenas dos catequetas da atualidade. Desde os primórdios da Igreja já havia um movimento contumaz para que essa natureza catequética não fosse perdida. São Cirilo de Jerusalém já dedicava suas reflexões a uma realidade onde o catecúmeno ou neófito conseguisse perceber em si mesmo os sinais do Mistério Pascal de Cristo:

Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas estas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação. Oh! Amor sem medida! Cristo recebeu em suas mãos imaculadas os pregos e padeceu, e a mim, sem sofrimento e sem pena, concede graciosamente por esta participação a salvação (Cirilo de Jerusalém, 1977, p. 25).

O Mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus se perpetua na vida da Igreja pelo registro bíblico. Embora as primeiras comunidades ainda não dispusessem de um cânon bíblico fixo, as tradições orais que circulavam nas igrejas sobre o que Jesus disse e fez foram escritas e logo foram integradas à pregação e ao ensino dos cristãos (McDonald, 2002, p. 105). Sendo assim, o que foi registrado foi primeiro experimentado, vivido; foi o relacionamento do povo com seu Deus a “matéria-prima” para se compor a Bíblia. Talvez seja justamente esta face comunitária da formação do cânon bíblico o motivo da relação de intimidade que o povo tenha com seus textos.

Contudo, a Bíblia como a conhecemos, além de ter sido gestada durante milênios, também foi escrita em línguas que menos 0,5% das pessoas já tiveram acesso a elas (Gabel; Wheeler, 2003, p. 205). De maneira geral, apenas os “cientistas da Bíblia” têm conhecimento do hebraico e do grego, as línguas com as quais a Sagrada Escritura foi escrita. Existe, pois, um lapso linguístico, temporal e cultural entre a mentalidade oriental do povo da Bíblia e a nossa, ocidental. Dessa forma, a maioria absoluta das pessoas recorre às várias traduções disponíveis para ter acesso ao livro sagrado do cristianismo. Porém, ainda que tenhamos, de maneira





geral, boas traduções, há de se ter cuidado na seleção de tais obras. Primeiramente, pela dificuldade de se fazer uma tradução de línguas com estruturas tão distintas da nossa. Também, pelo risco de algumas pouquíssimas traduções estarem impregnadas de influências confessionais, podendo se distanciar, por vezes, da mensagem original dos textos.

Aqui que se há de dispensar especial cuidado. Muito porque, a partir do Concílio Vaticano II, o uso da Sagrada Escritura tem se tornado cada vez mais frequente na catequese. O Catecismo deixou de ser o livro mais importante para que a Bíblia ocupasse este lugar que sempre deveria pertencer a ela. Porém, um grande problema com o qual nos deparamos é o fato de uma grande parte dos catequistas se sentirem perdidos no “mundo da Bíblia. Também deve ocupar nossa atenção, dentre as várias traduções da Bíblia com finalidades específicas, propor aquela que mais se adeque ao trato catequético (Lima, 2017, p. 255). Para isso, autoridades eclesiais deveriam se ocupar de, juntamente com os estudiosos da Bíblia no mundo católico, estabelecer uma tradução que ajude o catequista a viver seu Ministério, criando intimidade com a Sagrada Escritura. Ter uma tradução que seja utilizada na catequese em todo o Brasil, certamente ajudaria a preservar a memorização de uma mesma expressão bíblica da fé (Lima, 2017, p. 255), sem que, com isso, a diversidade cultural fosse prejudicada.

Diante de tudo o que foi exposto até aqui, a formação dos catequistas deve estabelecer esse vínculo permanente com a Bíblia. Para que sejam comunicadores da verdade da fé, precisam receber, além da formação teológica, pastoral e pedagógica, uma devida formação bíblica (AM, n. 8). Dessa forma, minimiza-se os desvios da verdade que a Bíblia quer transmitir. Com os olhos bem fixos na formação bíblica de nossos catequistas, Solange do Carmo reflete:

Sobre a formação bíblica e litúrgica, estou certa de sua importância. Absurdos têm sido ensinados em nome da fé por causa de uma leitura equivocada da Bíblia. Conhecer um pouco os relatos bíblicos pode evitar muitos desmandos (Carmo, 2017, p. 101).

Se o catequista recebe sólida formação bíblica, se torna muito difícil uma postura que esteja em desacordo com a proposta mistagógica da Igreja. Uma leitura fundamentalista dos textos bíblicos — a única abordagem que a Igreja proíbe — vai se distanciando de quem cria intimidade com eles. O conhecimento liberta! Entretanto, o fundamentalismo bíblico é uma ameaça real. Criar laços mais estreitos entre o catequista e a Bíblia é tarefa urgente.



3 O fundamentalismo como entrave para uma catequese frutífera

Observa-se, nas últimas décadas, uma crescente adesão de cristãos a pensamentos totalitários que já promoveram episódios tão desumanos em nossa história, que nunca mais deveríamos sequer cogitar sua volta. Em países onde a maioria da população confessa algum tipo de religião, os respectivos textos sagrados costumam ser usados por pequenos grupos fundamentalistas para justificar tal despautério. No Brasil, a distorção dos textos bíblicos encontra eco em alguns corações angustiados. Isso porque a Bíblia ocupa lugar afetivo nas pessoas em um país de maioria cristã. Se esta mensagem chega enviesada e descontextualizada nesses lugares sensíveis, sua intenção original acaba ficando encoberta pelas camadas de abordagens enganosas postas sobre ela. Como os membros da Igreja estão inseridos na sociedade, estas distorções podem ganhar terreno naqueles que têm a missão de transmitir a Palavra de Deus no ambiente da catequese.

E é exatamente isso que se tem observado. Essa onda de conservadorismo que assola a sociedade brasileira e o mundo, como não poderia ser diferente, atinge também a Igreja no Brasil. Dessa forma, apesar dos muitos avanços no âmbito catequético, ainda há uma resistência ao “caminhar juntos” por parte de alguns grupos dentro de nossas comunidades de fé. O desejo de permanência de um modelo catequético meramente doutrinal-escolar, além de resistir, vem crescendo silenciosamente e vai esquecendo o papel fundamental que a catequese tem na formação integral do ser humano. E mais! Há uma ofensiva sistemática de um pensamento retrógrado, que nega as proposições do Concílio Vaticano II e se mostra saudoso de uma época que deveria ficar no passado. O Deus que caminha conosco, como no evento da libertação do Egito até a entrada na Terra Prometida, vai sendo, sorrateiramente, substituído por um “Deus acima de todos”. O amor vai sendo substituído pelo ódio, a justiça pela vingança, a vida comunitária pela individualidade, a consciência da fé pelo misticismo. Tudo “referendado” (como se isso fosse possível) pela Bíblia, com trechos pinçados, fora de seu contexto histórico, social e literário.

Diante de uma realidade tão preocupante, que ameaça a trajetória catequética proposta pelo Magistério e percorrida por muitos agentes de pastoral, qual o papel da investigação científica da Bíblia desenvolvida nas grandes faculdades de teologia do Brasil? Será que o estudioso da Sagrada Escritura tem algo a contribuir para a formação de um catequista mais consciente de sua missão, facilitando um conhecimento mais apurado da





Bíblia, fundamento de sua catequese? Estas perguntas devem estar, permanentemente, nos debates das academias bíblicas do Brasil. Muitos passos já foram dados, mas é preciso avançar mais.

4 O estudo científico da Bíblia como ferramenta para a formação do catequista

Bem, se há um movimento que utiliza um livro tão caro ao cristianismo para disseminar a alienação dos corações e mentes, precisa haver, com urgência, uma resposta proativa por parte daqueles que buscam incessantemente aproximarem-se, da verdade que a Bíblia quer transmitir. Se a deturpação do texto bíblico contribui para o crescimento de posturas extremadas e superficiais, a abordagem científica dos textos sagrados nos ajuda a compreender a mensagem libertadora que eles trazem. E porque os resultados destes estudos técnicos da Bíblia chegam pouco ou nunca nas bases?

As universidades e faculdades católicas são o lugar, por excelência, do estudo científico da Bíblia. Entretanto, se estas reflexões ficam confinadas dentro dos espaços acadêmicos, corre-se o risco de esterilizar uma mensagem que nasce para ser frutuosa. Em uma Igreja querigmática e mistagógica é preciso que se conheça bem o Livro Sagrado de nossa fé. Dentro dessa dinâmica eclesial, a catequese é o espaço mistagógico por excelência. Este processo de “aprofundamento no Mistério” só pode acontecer a partir dos registros que os primeiros cristãos deixaram e que a Igreja os organizou como Sagrada Escritura. No entanto, é preciso conhecê-la bem. O aprofundamento bíblico se dá pelos estudos a partir de metodologias próprias para que a verdade não seja encoberta. Isso não exclui o aspecto peregrino e missionário da Igreja, pelo contrário, lança um sólido pavimento para que a caminhada seja segura.

A proposta de uma “Igreja em saída” feito pelo Papa Francisco (EG, n. 24), não exclui a pesquisa exegética. Pelo contrário, como se trata do Livro Sagrado da Igreja, o anúncio eclesial deve acontecer, sobremaneira, a partir dele, tocando o mundo com sua mensagem de justiça, paz e esperança. Uma má interpretação dos textos bíblicos gera confusão e aduba o terreno para as sementes mal-intencionadas. Em um mundo impregnado pelo modernismo, que produz uma sociedade pluralista em todos os sentidos, a linguagem do cristianismo vai ficando ininteligível para muitos (Miranda, 2017, p. 140-141).

Muito pelo descompasso percebido na caminhada da dimensão bíblico-catequética em nossa realidade eclesial, a beleza das palavras bíblicas se torna, muitas vezes, uma



realidade estranha ao catequista. É justamente nesta lacuna que o “cientista da Bíblia” deve agir. Aqui não se fala de uma leitura orante ou popular da Bíblia, mas de uma teologia bíblica com linguagem pastoral. Em outras palavras, se trata de levar à realidade do catequista os resultados das pesquisas bíblicas realizadas pelos biblistas no Brasil, traduzindo a linguagem acadêmica para a “língua da catequese”. Parece óbvio que o caminho indispensável para este movimento se percorre sobre as páginas da Sagrada Escritura, redescobrimo sua inesgotável riqueza através do estudo sistemático e metodológico, pois “o estudo da Bíblia é como a alma da Teologia” (Pontifícia Comissão Bíblica, 2010, p. 27).

O que se propõe aqui é uma reflexão sobre a importância do estudo científico da Bíblia como contribuinte na formação de catequistas mais conscientes de seu papel como sujeitos eclesiais, que carregam consigo a importantíssima missão de “fazer ecoar” a mensagem de Salvação trazida nas páginas que contém os textos bíblicos. A transmissão da verdade que a Sagrada Escritura quer comunicar requer boa formação, intimidade com a Bíblia, porque “o conhecimento religioso faz parte da vida humana” (Passos, 2010, p.79). Para isso, sabemos que “a própria Igreja é formadora, mas ela também oferece mediadores para ajudar a pessoa a assumir com convicção um itinerário de discernimento vocacional, de modo a favorecer a sua preparação no caminho de sequela de Cristo ao serviço da missão de catequista” (Barbosa Neto, 2023, p. 42).

Dentre esses mediadores está o estudioso da Bíblia. Sua contribuição na formação dos catequistas já é uma realidade; mas é preciso intensificar essa parceria. Os grandes estudos acadêmicos precisam chegar ao catequista. O biblista é alguém que estuda o texto no seu lugar histórico (sincronia), mas também reflete sobre a mensagem que ele continua a transmitir nos dias atuais (diacronia). Esse conhecimento precisa ser compartilhado de maneira mais incisiva. Não um conhecimento para cristianizar o mundo, mas para compreender essa Palavra como lugar do encontro com o outro, que à luz da Bíblia passa a ser um “outro eu”. Conhecer verdadeiramente a Sagrada Escritura confere um salto qualitativo ao serviço do catequista, pois, “o desconhecimento das Escrituras é o desconhecimento do próprio Cristo” (DV, n. 25).

Considerações finais

Se sonhamos com um mundo para o qual o texto bíblico deu as palavras, sob a perspectiva de mundo que este texto nos abriu, (Konings, 2014, p. 176) precisamos “transmitir





com nossa voz” aquilo que nos é comunicado por Deus. E Ele nos fala agora, com nossa linguagem, atualizando o que foi dito para o “povo da Bíblia”, porque Deus não pode falar de modo atemporal a nós que estamos na dimensão temporal (Brighenti, 2011, p. 62). Familiarizado com a Sagrada Escritura, o catequista é capaz de falar de um Deus que se compadece com o sofrimento dos mais vulneráveis e vem ao seu socorro (Ex 3,7-8); que exige de todos uma postura que busque sempre a justiça para os injustiçados (Dt 10,18); que se faz um de nós (Jo 1,14) para nos ensinar que precisamos ter responsabilidade uns para com os outros e o mundo reconheça em nós a linguagem do amor (Jo 13,34-35).

Abraçando e conhecendo a Bíblia como um todo, tendo a consciência que toda a mensagem que ela carrega em si só encontra sentido pleno a partir do evento Cristo, o catequista compreende melhor sua missão mistagógica e reconhece Jesus como o primeiro mistagogo. Este sujeito eclesial que orienta a experiência da fé deve ser testemunho vivo do projeto que anuncia, vivendo profundamente a dimensão mística desta experiência onde deixe transparecer sua relação com o Deus que é relação com cada pessoa e com seu povo (Costa, 2014, p. 48).

Esta ética cristã, transmitida pela Sagrada Escritura, precisa estar na “corrente sanguínea” do catequista, para que ele seja o sinal que demonstre uma conduta responsável, de cuidado, porque “cada criatura reflete algo de Deus e tem uma mensagem para nos transmitir” (LS, n. 221). O papel do exegeta, então, se apresenta como fundamental para ajudar o catequista a “jogar luz” sobre a verdade do texto bíblico. É preciso desfazer a confusão gerada pelo uso inadequado da Bíblia usando as ferramentas do estudo científico da Sagrada Escritura.

Perante o avanço do uso fundamentalista da Sagrada Escritura, que perturba o caminho bíblico da catequese proposto pela Igreja, precisa haver uma abertura do catequista ao estudo sistemático da Bíblia e, por outro lado, o movimento do exegeta em transpassar os limites da academia e chegar até o catequista, sempre falando com uma linguagem acessível e dinâmica. Se o catequista cria intimidade com a Bíblia, ele é capaz de anunciar a sabedoria contida nas narrações bíblicas como alternativa de um caminho que conduza o ser humano à sua finalidade última, que consiste em viver plenamente sua humanidade, proporcionando, constantemente, a dignidade do outro, a justiça e a paz.



Referências

BARBOSA NETO, João S. **Catequista, educador e comunicador da fé**. Petrópolis: Vozes, 2023.

BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica **Verbum Domini** sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012.

BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar**. A inteligência da prática transformadora da fé. São Paulo: Paulinas, 2011.

CARMO, Solange Maria. **Catequese em pauta**. São Paulo: Paulus, 2017.

CARVALHO, Humberto Robson *et al.* **Catequista: vocação, ministério e missão**. São Paulo: Paulus, 2019.

CARVALHO, Humberto Robson; SILVA, Antonio Wardison C. **A catequese como educação da fé**. São Paulo: Paulus, 2021.

CIRILO DE JERUSALÉM. **Catequeses Mistagógicas**. Petrópolis: Vozes, 1977.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática **Dei Verbum** sobre a Revelação Divina. São Paulo: Paulinas, 2017.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catequese Renovada**. São Paulo: Paulinas, 1983.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**. São Paulo: Paulinas, 2005.

COSTA, Rosemary F. **Mistagogia hoje**: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e a catequese atuais. São Paulo: Paulus, 2014.

FRANCISCO, Papa. Carta Apostólica **Antiquum Ministerium** pela qual se institui o Ministério de Catequista. Brasília: Edições CNBB, 2021.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica **Laudato Si'** sobre o cuidado com a casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 2003.

JOÃO PAULO II, Papa. Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*. São Paulo: Paulinas, 1979.

KONINGS, Johan. **A Bíblia, sua origem e sua leitura**. Petrópolis: Vozes, 2014.



LIMA, Luiz A. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias:** a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. São Paulo: Paulus, 2017.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste C.; NEVES, Maria Helena M. **Dicionário grego-português.** Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

McDONALD, Lee M. **A origem da Bíblia:** um guia para os perplexos. São Paulo: Paulus, 2013.

MIRANDA, Mario F. **A reforma de Francisco:** fundamentos teológicos. São Paulo, Paulinas, 2017.

PASSOS, João D. **Teologia e outros saberes:** uma introdução ao pensamento teológico. São Paulo: Paulinas, 2010.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2010.

